

No século XXI, as estatísticas oficiais dão conta de que mais da metade da população mundial

DE OLHO NAS METRÓPOLES BRASILEIRAS

**LIVRO BUSCA ANALISAR AS TRANSFORMAÇÕES
OCORRIDAS NA ORDEM URBANA DA GRANDE VITÓRIA**

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a história da humanidade foi marcada pela revolução industrial, que proporcionou uma série de avanços na ótica da acumulação de capital, perspectivas de produção e desenvolvimento tecnológico. Pensadores da história econômica caracterizam o período compreendido pelos anos 1760 e 1830 como o berço da cidade moderna. A estrutura centralizadora e concentradora da urbe tornou-se ainda mais intensificada com o advento da revolução industrial. A necessidade da localização das indústrias nas cercanias das cidades, com o propósito de aproveitar a proximidade da mão-de-obra e do mercado consumidor, tornou-se cada vez mais evidente. Todavia, uma vez instaladas, as indústrias passaram a polarizar a concentração de pessoas em seu entorno.

O complexo fenômeno de urbanização fragmentou a cidade industrial em zonas caracterizadas por atividades funcionais predominantes, refletindo e reproduzindo a lógica social no espaço: zonas industriais, comerciais, residenciais de baixo e alto padrão. Cabe

ressaltar que a estrutura social desta época, diferente dos tempos atuais, ainda não era tão problematizada, podendo se resumir em dois grupos, originados da dicotomia produção-consumo: proprietários dos meios de produção (burguesia), que utilizavam e ocupavam áreas privilegiadas, e vendedores da força de trabalho (proletariado) que residiam em cortiços.

Nessa lógica, o processo de urbanização tomou proporções planetárias. No início do século XIX apenas 20 cidades possuíam mais de 100 mil habitantes, e apenas 1,7% da população mundial era urbana. Na metade deste mesmo século, constatou-se a existência de 4 cidades com cerca de 1 milhão de habitantes. Em 1900 esse número aumentou para 19. Do início à metade do século XX, 141 cidades apresentavam população com mais de 1 milhão de habitantes, 12 cidades entre 5 e 10 milhões de habitantes, 3 cidades com mais de 10 milhões de habitantes e 1.460 cidades com mais de 100 mil habitantes. Em 1950, a proporção da população urbana mundial girava próximo de 13%.

Nunca as cidades cresceram tanto

No início do século XIX, apenas 20 cidades possuíam mais de 100 mil habitantes, e apenas 1,7% da população mundial era urbana”

como sob o regime capitalista de produção. Do início ao fim do século XIX a população de Londres cresceu exponencialmente passando de 2 milhões para 4 milhões de habitantes. Nesta época, Paris seguiu a mesma tendência tendo sua população incrementada de 1 milhão para 2 milhões de pessoas. Na Alemanha, a população de Berlim passou de 150 mil para 1,3 milhão de habitantes.

No século XXI, as estatísticas oficiais dão conta que mais da metade da população mundial reside em áreas urbanas. A Organização das Nações Unidas - ONU estima que em 2050 aproximadamente 70% da população do globo residirá em áreas urbanas.

Ao entender a cidade como um produto histórico, geográfico, social e econômico, construção contínua e essencial ao desenvolvimento da humanidade, compreende-se que o fenômeno urbano surpreende pela sua dimensão, intensidade e complexidade. A cidade constitui o lócus privilegiado de produção do capital, grandes investimentos, interesses financeiros e concentração populacional.

A rede urbana constituída a par- ➤

reside em áreas urbanas; a ONU estima que em 2050 esse percentual será de 70%

REPRODUÇÃO



A cidade constitui o lócus privilegiado de produção do capital, grandes investimentos, interesses financeiros e concentração populacional

> tir da dialética estabelecida entre o global e local evidencia uma sistemática trama de relações financeiras, econômicas, políticas, institucionais, sociais e culturais. Na complexa hierarquia urbana do Brasil, de acordo com o IBGE, a Região Metropolitana da Grande Vitória - RMGV é definida como uma “capital regional A”. Enfrentando o dilema da funcionalidade/institucionalidade das metrópoles brasileiras, a RMGV se integra na rede urbana “global” como um território que conjuga características comuns do mundo globalizado e peculiaridades locais que merecem atenção dos pesquisadores e gestores contemporâneos.

O livro “Vitória: transformações na ordem urbana” se propõe a analisar as transformações na RMGV, abordando diversas perspectivas, a saber, metropolização, economia, demografia, trabalho, renda, educação, mobilidade, habitação, segurança pública, governança e bem-estar urbano. É composto por 11 capítulos organizados em 3 partes: O processo de metropolização; A dimensão socioespacial da exclusão/integração; Governança, gestão e bem-estar urbano. A publicação reúne estudos sobre a RMGV, realizados por

pesquisadores do Instituto Jones dos Santos Neves - IJSN, que coordena os trabalhos do Núcleo Vitória do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - INCT Observatório das Metrôpoles, e por pesquisadores de instituições parceiras, como a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e a Universidade Vila Velha (UVV). Dessa forma, insere a RMGV na rota dos estudos em rede projetando e dando maior visibilidade à urbanização capixaba em nível nacional.

O Observatório das Metrôpoles, gerenciado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) conta com a colaboração de pesquisadores de 15 metrópoles: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Recife, Salvador, Natal, Fortaleza, Belém, Santos, Vitória, Brasília e Maringá.

As pesquisas se articulam em torno do tema das metrópoles brasileiras e de seus desafios através de metodologia integrada de pesquisa, monitoramento e intervenção e por exploração de bases de dados compartilhadas. A produção de resultados comparáveis permite a

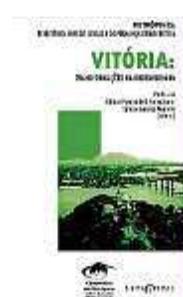
identificação de tendências convergentes e divergentes entre as metrópoles, geradas pelos efeitos das transformações econômicas, sociais, institucionais e tecnológicas. Com base em referências, como os estudos de Saskia Sassen sobre Nova York, Paris, Londres e Tóquio, sob a ótica da cidade global, e das pesquisas de Janet Abu-Lughod sobre Nova York, Chicago e Los Angeles, é destacada a importância dos estudos comparativos para a produção de conhecimento e melhor compreensão a respeito das transformações na ordem urbana nas metrópoles.

O livro “Vitória: transformações na ordem urbana” se insere em um projeto maior caracterizado pelo esforço de construção conjunta de livros comparativos para os 15 núcleos que compõem o Observatório das Metrôpoles, com o objetivo de analisar as transformações das regiões metropolitanas brasileiras, especialmente enfocando sua estrutura social expressa sinteticamente por meio das tipologias socioespaciais.

O conjunto de indicadores sociais e econômicos levantado pelos pesquisadores do Núcleo Vitória revela

que a Região Metropolitana da Grande Vitória - RMGV, formada atualmente pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Guarapari e Fundão, apresenta características e desafios semelhantes aos de outras metrópoles institucionais do Brasil.

Para além da produção de conhecimento, por constituir uma referência teórico-empírica ampla sobre a RMGV, a obra possui potencial para subsidiar políticas públicas devido à compilação de informações e análises estratégicas.



VITÓRIA: TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM URBANA

De Pablo Lira, Latussa Laranja Monteiro, Adilson Pereira de Oliveira Jr. 394 páginas. Produção discente. Download do livro pode ser feito pelo <http://observatorioidasmetropoles.net/>